

**vento Bora
queda elegante
cozinha
jantar
ódio**

um homem na rua a andar sem calças, tenta morder o próprio nariz, engole a palavra que acabou de dizer, depois vomita-a e aí não se percebe o que diz, engole de novo ar para poder falar; o discurso é preparado por esta deglutição imprevista, por este mastigar do ar, por esta forma de andar com a boca aberta, vem o vento Bora, o vento que faz as cabeças loucas, e o vento Bora entra na boca, roda dentro da boca, um redemoinho em terra seca; o homem não diz coisa com coisa, ninguém o entende, batem-lhe com o pau na cabeça, a cabeça abre, começa a sangrar, ele tem o vento Bora na cabeça, está louco mas manda parar o trânsito, interrompe a circulação, manda calar quem fala, manda parar quem corre, manda correr quem está parado, manda matar quem está vivo — estou no meio da minha cabeça e mesmo assim começo a gritar, mesmo no centro e estás perdido, fui atirado da janela e dentro da cabeça nem tudo

é claro, utilizo a inteligência para resolver palavras cruzadas, peço que me cortem o cabelo, o crânio nu serve para as palavras cruzadas: espaços vazios que as letras devem completar com um sentido, eis o tabuleiro perfeito: a minha cabeça, a tua cabeça, dois crânios sem um único pêlo servem de tabuleiro, estás de joelhos e pensam que estás a rezar mas estás a fazer de tabuleiro simpático, fazem-te festas, dão-te comida, agarras com a mão, levantas a comida do chão, levas à boca: perguntam-te como ficaste assim, falas no vento Bora, um dia fui a Trieste, dizes, e apanhei isto, um vírus e não sai, com o frio ficas louco, com o calor ficas manso, com a chuva comesas aos saltos, com neve fazes bonecos; tenho um acidente, caio, peço para me levatares, tento tirar do redemoinho a frase que quero dizer, não sei em que situação devo pedir desculpas ou insultar, os tempos estão baralhados, o que se passa lá fora não é entendido cá dentro, o cérebro une pontos, um ponto a outro como no jogo dos meninos até fazer uma figura que percebas; mas não consigo olhar para o que está em cima de mim, em qualquer posição da cabeça a própria cabeça não se vê, e talvez um espelho, peço ao senhor que tem pressa, está a fazer exercício, não quer ficar gordo, diz, eu não quero ficar louco, digo, tenho quarenta anos, ofereço a minha razão em troca do descanso, sou de Direito, enumero as leis que já insultei, entro em casa, volto mais cedo, abro a porta do quarto, estão duas cabeças na cama onde só devia estar uma, penso nos animais mitológicos que nunca têm apenas uma cabeça porque uma cabeça é pouco, qualquer ser humano sabe disso, mudar de cabeça a cada sete anos, como se fosse pele, ir ao guichet tirar a cabeça, pô-la no balcão, pedir outra, recebê-la, avançar para mais sete anos, é necessário instalar o inimigo na tua melhor poltrona, aqui vai, na melhor parte do meu cérebro colocas o que te insulta, eis onde tens melhor vista para o que pen-

so: quero cozinhar um louco como se faz aos animais, hoje temos um louco para comer, antropologia e apetite, somos da tribo que come loucos, eis onde me sinto em casa, por cada louco que comes ficas mais louco, o homem que come doze loucos: entro na cozinha e faço uma reunião de horror em redor do louco que caçámos, avanço, tenho pressa, tento acelerar para conseguir cair, como alguém que treina uma qualidade para ser forte noutra: aumentar a velocidade para conseguir cair, aumentar a lentidão para conseguir cair; trata-se de uma nova modalidade, uma luta em queda, dois guerreiros em queda a ver quem ganha, o tempo do combate é o tempo óbvio, aquele que demoras até chegar lá abaixo, o tempo de combate é o tempo da queda, mas os homens são atirados dois a dois, um homem e o seu pior inimigo e enquanto caem batem-se, tentam empurrar o outro, puxar o outro, derrubar o outro, mas é estranho derrubar o outro quando o outro está em queda, quando se está já no ar, quando já não há apoios e nada de sólido; mas eis que os lutadores são lutadores até ao fim, não se rendem às circunstâncias: um murro no olho, um pontapé forte, orientam-se no espaço e na queda sempre dirigidos pelo ódio, eis o que melhor nos orienta, o que é melhor que bússola e solo estável, o bom ódio permite acertares em queda, e o combate está a terminar e termina, bem feito para os dois que bem merecem; alguém levanta o braço e diz que falta o árbitro e eis que quem estava a assistir é empurrado e tenta dizer Falta e Proibido, e é um paizinho em queda este árbitro que faz recomendações, sugestões, proíbe, penaliza, quer dar castigos: mas não há pior castigo que estar a cair, agradeço a maldade, mas nem tenho tempo para me defender, avanço na queda como alguém que julgasse que pode acelerar esse movimento, não te apresses, os rápidos os lentos, todos caem à mesma velocidade, eis o que me ensinaram, podes ser campeão de cem metros, po-

des não ter capacidade para mexer um pé, estás de cadeira de rodas e caís mais rápido do que o atleta, eis como são as coisas e como a queda substitui deus nos pormenores, eis que a queda nivela, meu querido, como estás pesado, só o peso interessa, o que tem peso cai mais rápido, o leve atrasa-se, cai mas tarde de mais: não sejas demasiado leve nem pesado, o peso justo, o tempo certo, a queda elegante, um segundo antes põe a língua de fora, diz adeus às pessoas que convidaste para jantar

**vento Bora
banquete
o pai
a mãe
o filho**

é o vento Bora, um vento potente e frio como o que é terrível, é o vento Bora que mexe os alimentos que estão dentro da panela, e por isso quem vier a este banquete ficará louco, pois este vento tem fama de funcionar como um sabre no meio da cabeça: corta bocados, separa elementos antigos, não precisas de talher grande: o vento vem e faz o que cem mil utensílios não conseguiriam: transforma comida racional em comida louca, o vento Bora, tem medo dele, quem vai a Trieste vem com o vento Bora na cabeça e nunca mais esquece, não podes esquecer o vento Bora, e enquanto fazes a comida para o banquete lembras-te da maldição e como tens vergonha não mandas embora quem convidaste: ali estão os teus amigos, o teu pai, a mãezinha: sentas a mãe no trono alto e dás-lhe a primeira peça que o vento Bora ajudou a fazer, primeiro a mãe, depois o pai, depois os amigos, vamos ficar loucos, sim, mas em